

A memória e o esquecimento em *O que os cegos estão sonhando?* com o *Diário de Lili Jaffe (1944-1945)*

The memory and the forgetfulness in *O que os cegos estão sonhando?* com o *Diário de Lili Jaffe (1944-1945)*

Elaine da Silva Alves de Almeida¹ , Fabíola Simão Padilha Trefzger¹ 

¹ Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil

RESUMO

Este artigo analisa o modo como uma geração que passou pela experiência traumática da Shoah foi afetada e como isso se refletiu em seus descendentes na obra *O que os cegos estão sonhando? com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)*, de Noemi Jaffe (2012). A obra é composta pelo diário de Lili Jaffe, escrito após ter sido salva pela Cruz Vermelha depois de ser mantida prisioneira por onze meses em Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial; pelo conjunto de textos de Noemi, filha de Lili, intitulado *O que os cegos estão sonhando?* e, por fim, pelo texto "Aqui, lá", de Leda Cartum, neta da sobrevivente. A composição da obra em três vozes nos permite analisar como as três gerações se relacionam com a memória e o esquecimento. Para isso, agenciamos os postulados teóricos de Giorgio Agamben, Jeanne Marie Gagnebin, Márcio Seligmann-Silva, Walter Benjamin, Wilberth Salgueiro, entre outros.

Palavras-chave: Noemi Jaffe; *O que os cegos estão sonhando?*; Auschwitz; Esquecimento; Memória

ABSTRACT

This paper aims to analyze how a generation who has passed through the Shoah's traumatic experience has been affected and how this was reflected in your descendants in the contemporary Noemi Jaffe's work (2012) *O que os cegos estão sonhando? com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)*. The book is composed by Lili Jaffe's diary, written after the Red Cross saved her after being held as prisoner for eleven months in Auschwitz during the World War II; and by the set of the Noemi's texts, Lili's daughter, which is entitled *O que os cegos estão sonhando?* and, finally, the text "Aqui, lá" by Leda Cartum, survivor's granddaughter. The book composition made by three voices allow us to analyze how the three generations relate to memory and forgetfulness. Therefore, we will rely on theoretical postulates of thinkers such as Giorgio Agamben, Jeanne Marie Gabnerin, Márcio Seligmann-Silva, Walter Benjamin e Wilberth Salgueiro.

Keywords: Noemi Jaffe; *O que os cegos estão sonhando?*; Auschwitz; Forgetfulness; Memory

Há algum mérito em mover-se na história com um olho no passado. Ser informado e seletivo; conhecer as histórias e decidir sozinho o que é orgulhosamente exibido na sala de estar e o que vai juntar poeira no porão. Que o passado fique no passado, e que as relevâncias ressurgam.

(Amós Oz e Fania Oz-Salzberger)

1 INTRODUÇÃO

As obras de Noemi Jaffe abordam de forma direta ou indireta a relação entre memória e história. *O que os cegos estão sonhando? com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)*, tem como contexto histórico e como objeto de reflexões a *Shoah* – a devastação, principalmente dos judeus – durante a Segunda Guerra Mundial.

O livro é composto de três vozes – mãe, filha e neta – que nos permitem perceber como cada geração confronta a memória, o esquecimento e a necessidade de escrever sobre a catástrofe. A primeira parte apresenta o diário de Lili Jaffe, escrito na Suécia após seu resgate pela Cruz Vermelha, depois de ter sido confinada por onze meses em Auschwitz; a segunda reúne o conjunto de textos de Noemi Jaffe, intitulado *O que os cegos estão sonhando?*, redigido a partir de trechos do diário e de falas da mãe; e a terceira e última parte contém o texto “Aqui, lá”, de Leda Cartum, neta da sobrevivente. A obra, em suma, realiza uma reescrita da história a partir da ótica dos vencidos.

Este artigo está dividido em quatro seções: na primeira apresentamos o conceito de testemunho e justificamos a obra *O que os cegos estão sonhando? com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)* enquanto literatura de testemunho; na segunda discutimos sobre o que seria uma “testemunha” e analisamos os textos da testemunha direta e das testemunhas solidárias; na terceira relacionamos o trauma e a linguagem; por fim, fazemos nossas considerações sobre o tema discutido.

2 SOBRE O TESTEMUNHO

O debate sobre a literatura de testemunho envolve não apenas os estudos literários, mas também a Filosofia, a Psicanálise, o Direito, a Sociologia e a História. Wilberth Salgueiro (2012, p. 291) analisa que a literatura de testemunho envolve o tensionamento de limites “entre ética e estética, entre verdade e ficção, entre realidade e representação”. Para ele, a noção de “literatura de testemunho” se origina a partir dos relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, mas que hoje o termo alargou-se, sendo usado para referir-se a outros eventos do passado (genocídios e massacres contra indígenas e negros) e do presente (opressões, desigualdades econômicas, etc.). Além disso, Salgueiro propõe alguns traços intercambiantes e includentes para caracterizar a literatura de testemunho:

registro em primeira pessoa; sinceridade do relato; desejo de justiça; vontade de resistência; abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético; a apresentação de um evento coletivo; a presença do trauma; rancor e ressentimento; vínculo estreito com a história; sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas; sentimento de culpa por ter sobrevivido e impossibilidade radical de re-apresentação do vivido/sofrido. (Salgueiro, 2012, p. 292-293)

Tais traços comparecem na obra organizada por Noemi Jaffe: a escrita em primeira pessoa do diário apresenta um relato sincero sobre um evento coletivo, cujo trauma é explícito; o desejo de justiça, a vontade de resistência, o rancor e o ressentimento marcam essa escrita coletiva, de vínculo estreito com a história da Shoah. Nos escritos de Jaffe, notam-se reflexões sobre como a mãe lida com a vergonha pelas humilhações e animalização sofridas: “ela ensinou às filhas um sentido mais profundo da noção de humilhação. [...] Humilhação no sentido lato, de igualar-se ao húmus de onde viemos

[...]” (Jaffe, 2012, p. 178). Há ali também o sentimento de culpa por ter sobrevivido: “[...] ela [Lili Jaffe] acredita no destino de forma tão sagrada, intocável. Como se essa crença a ajudasse também a expiar a culpa de ter sobrevivido” (p. 98). Por fim, comparece também a impossibilidade radical de re-apresentação do vivido/sofrido: ao relatar um trauma, um texto autobiográfico pode não apresentar uma unidade estrutural, pelo caráter inenarrável da barbárie. Por isso, podemos encontrar nos testemunhos não uma representação, mas manifestações do trauma através da linguagem.

3 SOBRE AS TESTEMUNHAS

Lili Jaffe testemunha em seu diário o horror vivido enquanto esteve mantida prisioneira em Auschwitz. Ela é uma testemunha e também uma sobrevivente. Giorgio Agamben apresenta dois termos – *testis e superstes* – para designar o que seria a testemunha: “*testis* [...] significa etimologicamente aquele que se põe como terceiro (*terstis*) em um processo ou em um litígio entre dois contendores. O segundo, *superstes*, indica aquele que viveu algo, que atravessou até o final um evento e pode, portanto, dar testemunho disso” (Agamben, 2008, p. 27). Assim, a testemunha pode ser quem faz um testemunho de algo que viu ou quem testemunha algo que viveu; nessa segunda definição, a testemunha é uma sobrevivente.

Tanto Noemi Jaffe quanto Leda Cartum podem ser consideradas “testemunhas solidárias”, de acordo com o que postula Jeanne Marie Gagnebin ao propor a ampliação do conceito. Para ela, a testemunha não é apenas quem viveu o horror, no caso, Lili Jaffe. Gagnebin (2006, p. 57) assinala que “testemunha seria também aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro [...].” Noemi, ao se autodenominar porta-voz da mãe, assume esse papel.

Em uma posição extrema dessa reflexão, Primo Levi afirma que a história dos *Lager* – em alemão, campos de extermínio nazistas – “foi escrita quase exclusivamente por aqueles que, como eu próprio, não tatearam o fundo. Quem o fez não voltou, ou então

sua capacidade de observação ficou paralisada pelo sofrimento e pela incompreensão” (2016, p. 12). A partir disso, propõe que as verdadeiras testemunhas da *Shoah* são os submersos, ou seja, aqueles que tocaram o fundo porque não retornaram ou aqueles que retornaram mudos, os “mulçumanos”. Ao escrever sobre o termo “mulçumano” – que aqui não tem relação com o islamismo –, Giorgio Agamben sinaliza que eles parecem ter “[...] perdido qualquer vontade e qualquer consciência” (Agamben, 2008, p. 52).

4 A TESTEMUNHA DIRETA

A “Apresentação” da obra, redigida por Noemi Jaffe, traz ao leitor informações sobre as condições de publicação e indica que atualmente o original está depositado e conservado no Museu do Holocausto, em Jerusalém. Na primeira parte do livro temos o diário de Lili Jaffe, cujos acontecimentos registrados datam de “25 de abril de 1944” a “30 de setembro de 1945”. Ao todo são 93 entradas. Em sua apresentação, Noemi informa que o diário fora escrito após a libertação de Lili Jaffe de Auschwitz e que, apesar disso, os verbos empregados pela diarista encontram-se no presente do indicativo, como se ela estivesse registrando os acontecimentos enquanto ocorriam. A autora adverte ainda ser as confusões de tempos verbais e de datas, particularidades mantidas de modo a preservar o registro.

O primeiro registro descreve as expectativas da família diante da iminente chegada dos nazistas, prevista para o dia seguinte: “Meu irmão e eu observávamos e, sendo crianças, saímos para chorar. Ninguém nos conta nada, mas sabemos o que está acontecendo. Sabíamos que no dia seguinte, às oito horas, os alemães viriam nos buscar e nos arrancar do nosso lar” (Jaffe, 2012, p. 13). Como se observa no trecho citado, o diário inicia-se com o registro dos acontecimentos anteriores à chegada dos nazistas. Lili Jaffe faz o registro desde a viagem nos vagões até a chegada a Auschwitz em 4 de junho de 1944. A partir daí, são narrados diversos acontecimentos da “vida” no campo de concentração.

É importante destacar como Lili Jaffe, em muitas ocasiões, resolve relegar ao destino o que lhe acontecerá. A diarista chega a explicar por que se arriscava a fazer coisas tão perigosas: “[...] eu não temia, não tinha medo da morte. Por isso encarava tudo com frieza. Era assim todos os dias”. E ainda afirma: “Tive sorte [...]” (Jaffe, 2012, p. 22 e 40).

Após a libertação, temos o relato do restabelecimento de Lili a uma rotina “normal” e sua tentativa de seguir com a vida. Ela e outros sobreviventes foram acolhidos em diversas cidades e vilarejos da Europa, onde receberam tratamentos médicos, foram alimentados e protegidos.

No dia “15 de julho” (de 1945), após a libertação, a sobrevivente escreve: “Não me dói mais, diria, é como se tivesse esquecido. O destino é estranho: esquecemos com rapidez” (Jaffe, 2012, p. 67).

Levi (2016, p. 18) escreve que “[...] a recordação do trauma, sofrido ou infligido, é também traumática, porque evocá-la dói ou pelo menos perturba: quem foi ferido tende a cancelar a recordação para não renovar a dor [...].” E é exatamente isso que Lili Jaffe parece fazer: deixar o passado no passado e focar no presente como estratégia de sobrevivência.

Amanda dall’Zotto Parisote (2016) indica a relação do diário com os textos de Noemi Jaffe e de Leda Cartum. Segundo Parisote, enquanto o diário funciona de forma autônoma, o conjunto de textos intitulado *O que os cegos estão sonhando?* e o texto “Aqui, lá” são paratextos do diário, ou seja, existem em função do diário, do testemunho. Quando questionada pela filha sobre o motivo pelo qual havia escrito o diário, Lili Jaffe responde: “Para que você lesse!” (Jaffe, 2012, p. 8). E a filha afirma que os seus textos são “[...] uma tentativa de uma filha de conhecer melhor uma mãe” (Jaffe, 2012, p. 185). Existe, portanto, uma relação direta entre os textos: com a elaboração textual do trauma a mãe pretendia dar à filha a possibilidade de conhecer seu passado, e retomando o diário, a filha e a neta buscam compreender melhor a mãe. Apesar de inseridos no âmbito familiar, os textos evocam uma catástrofe coletiva.

5 AS TESTEMUNHAS SOLIDÁRIAS

O conjunto de textos de Noemi Jaffe é organizado por capítulos intitulados “Destino”, “Frio”, “Fome”, “Pedra”, “Raiva”, “Dignidade”, “Amor”, “Memória”, “Palavra”, “Vida”, “Vontade”, “Desejo”, “Oração”, entre outros. No total são trinta e seis capítulos em que a filha reflete sobre trechos do diário e falas da mãe e sobre sua condição de filha de uma sobrevivente. Neles, a filha se denomina como porta-voz da mãe, responsável por levar adiante as suas palavras e também aquilo que ela sequer formulou. Afirma ainda que, no diário e em conversas, a mãe parece ter selecionado alguns eventos específicos de tudo o que sofreu e os repete sempre que questionada sobre o passado – algo recorrente entre os sobreviventes de eventos traumáticos, de acordo com Primo Levi:

Observou-se, por exemplo, que muitos sobreviventes de guerras ou de outras experiências complexas e traumáticas tendem a filtrar inconscientemente suas recordações: evocando-as entre eles mesmos ou narrando-as a terceiros, preferem deter-se nas tréguas, nos momentos de alívio, nos interlúdios grotescos, estranhos ou relaxados, esquivando-se dos episódios mais dolorosos. (Levi, 2016, p. 24)

No capítulo “Raiva”, Noemi Jaffe reflete sobre as relações entre ter raiva dos nazistas e os processos de lembrar e esquecer. A partir de uma fala da mãe, “eu não tenho raiva de ninguém. Nem dos nazistas. Não gosto de ter raiva” (Jaffe, 2012, p. 116), questiona o motivo pelo qual as filhas sentem raiva: “as filhas sentem raiva por ela [a mãe] não sentir raiva? Primo Levi tem raiva, Elie Wiesel tem raiva, Ruth Klüger tem raiva, Jorge Semprún tem raiva. Para lembrar é preciso ter raiva; para ter paz é preciso esquecer” (p. 117). Essa assimetria – de um lado a sobrevivente sem raiva, e de outro, a filha com raiva –, ocorre, parece-nos, em razão do espaço que ocupam no curso dos acontecimentos traumáticos: a sobrevivente viveu o horror, está diretamente ligada a

ele; já a filha, por não ter sido diretamente afetada, consegue elaborar o que aconteceu com a mãe. Contudo, o capítulo “Medo”, Noemi discorre sobre como o esquecimento e a memória relacionados ao medo e à dor:

É preciso esquecer, é preciso esquecer. O esquecimento está relacionado à ausência de medo. Quem lembra, teme. A memória é que é fonte da dor presente; o presente fica carregado da lembrança da dor passada e desperta o medo, como defesa física contra a repetição da dor. O medo é passado e futuro. Quem só vive no presente, como ela, não sente ou sente menos medo. (Jaffe, 2012, p. 161)

No capítulo “Memória”, Noemi Jaffe relaciona os processos de lembrar, esquecer e perdoar. A autora discute a diferença entre os judeus e os cristãos no que se refere a Deus: no judaísmo, Deus se lembra de tudo, enquanto no cristianismo, Deus perdoa e depois esquece. Na perspectiva humana, contudo, “esquecer-se pode ser nunca perdoar” ou, indo mais fundo, “esquecemos porque não podemos perdoar” (JAFFE, 2012, p. 167).

A partir disso, ela discute sobre perdão e afirma que Primo Levi, por exemplo, jamais perdoou. Noemi Jaffe questiona se existiria alguma medida para o ser humano conceder o perdão: “Mas como perdoar uma crueldade que não é humana, que é demoníaca? Ou melhor, que é mais demoníaca ainda, por ser praticada por humanos? Buda perdoaria? Jesus perdoaria?” (Jaffe, 2012, p. 167).

É necessário pontuar que, ao analisar narrativas sobre eventos traumáticos, não podemos encarar o horror do ponto de vista teológico para não subtrair a responsabilidade humana em relação a ele. Walter Benjamin, nas teses “Sobre o conceito de história”, ao propor uma leitura alegórica do quadro *Angelus Novus*, de Klee, escreve que o quadro representa um anjo que, na tradição judaica, anuncia a destruição. Seus olhos escancarados e suas asas bem abertas apontam o aspecto que se espera do anjo da história: “Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de

acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa aos nossos pés” (Benjamin, 1994, p. 226).

A barbárie provocada pelo nazismo não é um acontecimento fora dos trilhos da História, pelo contrário, ela está nos trilhos da História, está nessa “cadeia de acontecimentos”. Existe uma diferença no modo como esses acontecimentos são vistos: o historiador tradicional os vê como uma série de acontecimentos lineares, isto é, conforme uma concepção positivista da História que privilegia os vencedores. Em oposição, a crítica de Benjamin “[...] é solidária aos que caíram sob as rodas de carruagens majestosas e magníficas denominadas Civilização, Progresso e Modernidade” (LÖWY, 2005, p. 73), ou seja, é solidária aos que foram vencidos. Diferente do modo como o historiador positivista encara os acontecimentos históricos, a tradição judaica parece ter um olhar mais cuidadoso com relação ao passado. Amós Oz e Fania Oz-Salzberger nos dizem:

Os anais dos judeus contradizem a afirmação fácil de que a história é escrita pelo vencedor. Mesmo quando perderam, e perderam terrivelmente, os israelitas, e depois os judeus, tiveram o grande cuidado de contar as histórias eles mesmos. [...] (Oz; Oz-Salzberger, 2015, p. 146)

Além dessa tradição de contar histórias sobre o passado, relatando derrotas e conquistas, os judeus também direcionam ao tempo um olhar diferente. Os autores apontam que, em contraposição às concepções iluministas, “a língua hebraica sugere algo assustadoramente diferente. Quando falamos hebraico, literalmente estamos postados no fluxo do tempo com as costas para o futuro e a face virada para o passado.” (Oz; Oz-Salzberger, 2015, p. 131). Essa nova construção do que é o tempo é essencial para o não esquecimento, pois, se o olhar do historiador/observador está voltado para o passado, as vítimas dos acontecimentos históricos serão objetos de uma lembrança ativa. Ainda no capítulo “Memória”, no final, Noemi escreve: “Deus

pode eventualmente esquecer. O homem precisa lembrar-se de esquecer, lembrar para esquecer” (Jaffe, 2012, p. 168).

No capítulo “Ficção e Realidade”, Noemi Jaffe afirma: “O passado só se reconhece no presente. Ele só existe no presente, pela lembrança de quem o rememorar” (p. 204). Isso se aproxima do que Michael Löwy escreve em *Walter Benjamin: aviso de incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*: “a relação entre o hoje e o ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente” (LÖWY, 2005, p. 61).

Por sua vez, o texto “Aqui, lá”, escrito por Leda Cartum, neta de Lili Jaffe, aborda a simultaneidade: enquanto tantas pessoas sofriam o horror nos campos de concentração nazistas, outros levavam suas vidas normalmente.

Roney Cytrynowicz questiona:

Onde estava a fronteira entre o genocídio, câmaras de gás matando até 24 mil pessoas por dia, depois cremadas em fornos crematórios, e, de outra parte, as tramas do cotidiano, pessoas trabalhando, passeando, vivendo em suas casas? Essa fronteira nunca existiu, a vida normal (de um mundo em guerra) continuava fora do campo, enquanto dentro do campo o genocídio era operado sob uma terrível aparência de “normalidade”. (Cytrynowicz, 2003, p. 129)

Muito próximo ao que Roney Cytrynowicz postula, Leda Cartum afirma que, enquanto neta de uma sobrevivente de Auschwitz, viver “[...] sempre foi procurar compreender este milagre da simultaneidade” (Jaffe, 2012, p. 232). Ela reflete sobre as dimensões do passado no presente: “O passado é uma sombra que acumulamos: uma sombra que não tem peso real, mas que ainda assim desenha uma curva sobre nossas costas.” (p. 233).

Leda Cartum fala ao leitor sobre como, ao visitar Auschwitz em 2009 com sua mãe, não soube entender o que estava sentindo, nem sabia o que dizer. Confessa

inclusive não querer estar ali: “Não soube dizer nada, como se todas as palavras tivessem secado completamente, e por mais que eu procurasse recorrer a uma ou a outra, nenhuma delas dizia nada” (Jaffe, 2012, p. 231).

Judith Butler discorre sobre como o caráter insuportável da perda e da culpa dificulta a referencialidade da linguagem e afirma que “[...] isso tem a ver com a dificuldade de lembrar ou recordar o sofrimento, uma dificuldade que também afeta a própria capacidade de manter uma forma para a memória.” (Butler, 2017, p. 192). Não apenas Lili Jaffe, mas também Noemi Jaffe e Leda Cartum manifestam na escrita o trauma que marcou a vida da sobrevivente e que está diretamente ligado à existência delas – filha e neta.

Assim, nas duas gerações posteriores àquela que viveu o horror do nazismo, parece existir uma súplica à valorização da memória do passado. É possível observar na escrita de Leda Cartum – mesmo sendo neta da sobrevivente e estando mais longe, temporalmente, dos eventos traumáticos – a intensidade de seu apelo ao não esquecimento do passado: “Não se pode esquecer, é preciso lembrar, é preciso segurar-se nesse momento misterioso que faz a lembrança, sobretudo a lembrança do que não vivemos e que no entanto carregamos” (Jaffe, 2012, p. 237).

6 O TRAUMA E A LINGUAGEM

Primo Levi, ao abordar as questões relacionadas à vontade de comunicar, discorre sobre o fato de que a língua alemã do *Lager* era uma língua própria, amalgamada pela barbaridade daquele tempo e lugar (Levi, 2016, p. 78). O escritor afirma que “quando se violenta o homem, também se violenta a linguagem” (Levi, 2016, p. 79). É claro que o autor estava fazendo uma análise da língua utilizada nos campos de concentração enquanto a barbárie ocorria. Entretanto, pensamos que seja possível fazer uma analogia entre o que ele escreve ao relacionar a violência do trauma à linguagem e a forma como a linguagem das testemunhas manifesta a violência do trauma, quando elas escrevem sobre o horror. É o que pretendemos analisar neste segmento.

Amanda dall’Zotto Parisote, ao analisar a linguagem da barbárie em *O que os cegos estão sonhando? com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)*, reflete como nesta obra se enxerga o ápice da barbárie implementada pela agenda nazista, com seu processo de animalização e privação do sujeito: a perda da linguagem. Segundo Parisote, “a perda da linguagem completa o ciclo da barbárie, e é essa perda que materializa de forma mais clara a pobreza de experiências” (Parisote, 2019, p. 39).

A proposta de Parisote se assemelha muito ao que Márcio Seligmann-Silva escreve sobre o objetivo dos nazistas de eliminar todos os judeus, e ambos nos ajudam a compreender como o trauma afeta a linguagem:

[...] O genocida sempre visa à total eliminação do grupo inimigo para impedir as narrativas do terror e qualquer possibilidade de vingança. Os algozes sempre procuram também apagar as marcas do seu crime. Esta é uma questão central, que assola o testemunho do sobrevivente em mais de um sentido. Em primeiro lugar, porque o sobrevivente vive o sentimento paradoxal da culpa da sobrevivência. A situação radicalmente outra, na qual todos deveriam morrer, constitui sua origem negativa. A indizibilidade do testemunho ganha com este aspecto um peso inaudito. Mas o negacionismo é também perverso, porque toca no sentimento de irrealidade da situação vivida.[...] (Seligmann-Silva, 2010, p. 10 – Grifos do autor.)

Isto posto, os registros dos sobreviventes constituem-se como o testemunho de um evento de que não se pretendia deixar testemunhas. Esses registros, no âmbito coletivo, são formas de resistência ao negacionismo histórico, e, no âmbito pessoal, podem contribuir para que o sobrevivente elabore o trauma. Em razão disso reafirmamos a necessidade de análise das relações entre linguagem e trauma. Nos aproximamos de Antonello e Gondar, que, em um estudo sobre a obra de Noemi Jaffe, escrevem: “[...] frente à força destrutiva de uma realidade excessiva, o sujeito

responde, recriando-a pela escrita. Ao repetir a experiência traumática por meio da escrita, o mal que assola o narrador deixa de estar congelado na memória” (Antonello; Gondar, 2013, p. 180).

Para Maurice Blanchot, escrever um diário é “[...] escapar ao silêncio [...]. Cada dia nos diz alguma coisa. Cada dia anotado é um dia preservado.” (Blanchot, 2005, p. 273). De acordo com esse pensamento, ao revisitar o passado para realizar a escrita do diário, Lili Jaffe recorda o dia relatado e, por extensão, o trauma vivido. A recordação do trauma vivido por Lili transborda na escrita do diário. E, como o trauma é herdado pela filha e pela neta, gerações que não o viveram, é possível encontrar os impactos causados pelo evento traumático também na escrita das testemunhas solidárias.

Blanchot aponta ainda que a única exigência do diário é a cronológica, a data das anotações faz parte do sentido do gênero. De acordo com esse estudioso, o diário assina um único pacto: o de respeitar o calendário (Blanchot, 2005, p. 270).

No caso do diário estudado, apesar de obedecer à principal regra do gênero – a datação –, a escrita após os acontecimentos é marcada por uma extrema desorganização nas datas. Após narrar os acontecimentos do dia “13 de novembro”, Lili Jaffe regressa ao dia “13 de outubro (?) de 1944” e depois avança para o dia “1º de dezembro de 1944”. Quando trata da libertação observa-se também essa desorganização: a libertação é registrada em “Palborg, 10 de maio”, seguido dos registros dos dias “2 de maio (?)”, “Copenhague, 5 de março”, “Malmo, 3 de maio”, “4 de maio”, “10 de maio”, “2 de maio” novamente e, por fim, “18 de maio”. Há ainda uma confusão de datas entre os meses de junho, julho e agosto de 1945.

Essa desorganização pode ser vista como um sintoma do trauma. A desorganização das datas ocorre, provavelmente, porque, enquanto vítima de um evento traumático, Lili Jaffe não consegue organizar linearmente o passado recente. Lembremos que ela escreveu o diário enquanto era mantida numa quarentena após ter sido libertada do campo de concentração pela Cruz Vermelha.

Os textos de Noemi Jaffe, organizados em capítulos intitulados “Destino”, “Dignidade”, “Esquecimento”, “Vontade”, “Linguagem”, “Medo”, entre outros, poderiam indicar que as reflexões formuladas em cada capítulo seguem uma linearidade. Entretanto, no desenvolvimento de cada um dos temas, não há uma sequência lógica. A fragmentação dos temas burla a aparente organização. A própria autora afirma que o livro é “[...] um apanhado de retalhos, de divagações, de memórias soltas [...]” (Jaffe, 2012, p. 208).

O capítulo “Esquecimento”, por exemplo, é curto e fragmentado:

Um trem. Um pai. Uma mãe. Um irmão. Uma tia louca. Dois sobrinhos pequenos. Um casaco que não consegue esconder os sobrinhos. Dois joelhos. Uma pedra. Pronto. Tudo esquecido. Tudo esquecido. A memória está cheia, pronta para esquecer. (Jaffe, 2012, p. 179).

Esse capítulo reúne, em poucas frases, acontecimentos importantes e significativos da vida concentracionária de Lili Jaffe. E, apesar de não desenvolver muitas reflexões sobre o esquecimento, os outros capítulos do livro abordam diversas questões relacionadas a esse tema.

Dois capítulos do conjunto de textos de Noemi Jaffe diferem dos demais: “Em Auschwitz” e “Histórias inventadas”. “Em Auschwitz” se distingue da maioria, pois nele não há a fragmentação característica dos textos de Noemi. Em vez disso, a linguagem é extremamente técnica e informativa: registra-se os valores dos judeus retirados pelos nazistas, as mensagens secretas dos movimentos de resistência, os custos de construção de um crematório, os gases utilizados, etc. Essa linguagem técnica, a priori, não manifesta o trauma – ainda que cause algum tipo de choque. Qual seria então o seu efeito? Talvez, por ser apenas informativa, ela permita que o leitor tenha uma noção da dimensão do horror através de dados factuais.

Já em “Histórias contadas”, a autora ficcionaliza a vida de algumas pessoas mantidas prisioneiras nos campos de extermínio nazistas. Isso porque, quando esteve

em Auschwitz em 2009, a autora anotou nomes e endereços aleatórios escritos em malas que estavam jogadas atrás de uma vitrine. A partir dessas anotações ela pesquisa no Google e tenta localizar essas pessoas. Sem sucesso ela se questiona: “Como será desaparecer, sem deixar rastros, nada a não ser o nome e endereço escritos numa mala, que fica agora numa vitrine em Auschwitz?” (Jaffe, 2012, p. 217). Assim, após criar uma narrativa convincente de pouco mais de uma página sobre Zlenka Fantl e Raphaela Sata Tansik – dois nomes retirados das malas – nos deparamos com uma interrupção brusca: “Não, não foi nada disso.” (Jaffe, 2012, p. 219). E, em seguida, uma narrativa diferente da primeira, novamente interrompida: “é claro que isso não aconteceu” (p. 220); daí outra narrativa, e mais outra, sobre as mesmas mulheres, na tentativa de não deixá-las cair no esquecimento.

A mudança brusca nesses dois capítulos – “Em Auschwitz” e “Histórias inventadas” – se dá porque não é a sobrevivente traumatizada que escreve, e sim a filha, que, não sendo diretamente afetada pelo trauma, é capaz de organizar o discurso, servindo-se da ficcionalização, e problematizá-lo por meio do recurso à metaficção.

7 O ESQUECIMENTO E A MEMÓRIA

No capítulo “Família”, lemos: “Em 2001, quando houve o atentado às Torres Gêmeas ela [a mãe, Lili] telefonou: “[...] socorro, faz alguma coisa, vai começar tudo de novo! Eles estão pulando, estão se matando. [...]” (Jaffe, 2012, p. 129). É possível identificar que o atentado de 11 de setembro acionou o rastro do passado de quando Lili era prisioneira em Auschwitz. Como a própria Noemi Jaffe afirma, não era comum que as “lembranças” da mãe viessem à tona desse modo tão desesperado. No caso, um acontecimento do presente acionou a memória do trauma em Lili. Sobre esse rastro que é acionado, Paul Ricoeur afirma que “[...] em circunstâncias particulares, porções inteiras do passado reputadas esquecidas e perdidas podem voltar” (Ricoeur, 2007, p. 453). No capítulo “Memória”, lemos:

Esquecer é cair para fora: ex cadere. Escorregar, abaixar-se, cair. O esquecedor cai para fora. Ou melhor, as lembranças do esquecedor caem fora da memória. O esquecedor cai para fora do tempo. Fica à margem do fluxo. Ele observa o tempo de outro lugar: um lugar privilegiado e relegado pelos lembradores. Os lembradores não aceitam que o esquecedor esqueça tanto. [...] (Jaffe, 2012, p. 165-166).

No trecho acima, ao colocar o esquecimento como algo que está fora do tempo e da linguagem, Noemi o considera como apagamento do passado e por isso vai de encontro a Ricoeur, para quem o “[...] esquecimento reveste-se de uma significação positiva na medida em que o tendo-sido prevalece sobre o não mais ser na significação vinculada à ideia de passado. O tendo-sido faz do esquecimento o recurso imemorial oferecido ao trabalho da lembrança” (Ricoeur, 2007, p. 451). No título de um dos capítulos dela, a ideia do esquecimento como apagamento é retomada: “O esquecimento é a única vingança e o único perdão”. Entretanto, ela parece oscilar entre esses dois posicionamentos, já que também se denomina porta-voz da mãe e responsável pelo não-esquecimento:

Quando o dono da voz esqueceu suas palavras, ou sequer chegou a formulá-las e aparece alguém querendo portar sua voz, ele deixa. Lembre por mim as coisas que eu esqueci. Mas não me conte. Não quero lembrar. Isso você faz só por você; não por mim. (Jaffe, 2012, p. 163-164)

A mãe é a dona da voz, mas não consegue lembrar em razão do trauma. Logo, Noemi Jaffe toma para si o dever de lembrar: “se o destino é fatalmente o que se passará, o passado é fatalmente o que se passou; por isso ele pode ser esquecido por

quem o viveu. Só quem não o viveu tem o dever de lembrá-lo sem a menor esperança de que possa fazê-lo porque ele se foi” (p. 112).

Percebe-se, pois, na escrita do diário e nos textos de Noemi Jaffe e Leda Cartum, que o relato do passado feito por Lili Jaffe sofreu uma sedimentação, um excesso de cristalização, gerando, nos textos, uma “repetição vazia” dos acontecimentos traumáticos. No capítulo “Memória fixa” a filha se questiona se a mãe fixou na memória o que escreveu ou fixou porque escreveu, haja vista serem as histórias contadas por ela exatamente iguais às escritas no diário. Antes disso, no capítulo “História”, Noemi escreve: “O livro fixa, para a mãe, em primeiro lugar, o que ela mesmo esquece. Em segundo lugar, o livro é, para a filha, o decalque do que é tentar ser a memória de outra pessoa, de sua mãe” (JAFJE, 2012, p. 185). Essa fixação de alguns acontecimentos na memória de Lili e a conseqüente repetição seria um indício, no texto, de que ela não conseguiu elaborar o trauma?

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lili Jaffe faleceu em fevereiro de 2020. A morte foi anunciada pela filha, Noemi, em uma postagem no Instagram de uma foto da mãe sorrindo. Olhando para essa foto, seria possível pensar que, em sua vida privada, longe do texto literário, Lili conseguiu elaborar o passado? Infelizmente não podemos saber. Na postagem de 9 de abril de 2020, a foto vem acompanhada de uma breve descrição: “Minha mamãe querida, Dona Lili, partiu. O velório será às 11 e o enterro às 13, amanhã, no cemitério israelita do Butantã. Quem puder ir, vou gostar de dar um abraço.”

Em julho de 2021 foi publicado pela Companhia das Letras o livro mais recente de Noemi Jaffe, *Lili: novela de um luto*. No texto, a autora relata os primeiros dias após a morte da mãe e afirma que se assusta pois enquanto escreve se sente um pouco melhor, mas ela não quer se sentir melhor: “Quero continuar tendo, mesmo com a rotina quase normalizada, intervalos de concentração na dor e na lembrança física da presença dela.” (Jaffe, 2021, p. 49) Enquanto sociedade precisamos resgatar a

memória de Lili Jaffe e de tantas outras vítimas de eventos traumáticos, para que ela permaneça viva e ativa em nossa memória coletiva: “Que o agora respire só o fumo do passado e que esse ar o irrigue como uma brisa.” (Jaffe, 2012, p. 226).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha.** Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

ANTONELLO, Diego; GONDAR, Jô. A escrita do traumático. **Estudos da Língua(gem).** Vitória da Conquista, v. 11, n. 1, jun. 2013, p. 165-185.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir.** Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 270-278.

BUTLER, Judith. Para pensar presente, Primo Levi. In: BUTLER, Judith. **Caminhos divergentes: judaicidade e crítica do sionismo.** São Paulo: Boitempo, 2017, p. 183-205.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Marcio (org.). **História, memória, literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes.** São Paulo: Unicamp, 2003, p. 123-138.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2006.

GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura contemporânea. **Tintas: Quaderno di letterature iberiche e iberoamericane.** Milano, v. 2, p. 199-221. Disponível em <<https://riviste.unimi.it/index.php/tintas/article/view/2790/2999>>. Acesso em 17 de nov. de 2019.

JAFFE, Noemi. **Lili: novela de um luto.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JAFFE, Noemi. **O que os cegos estão sonhando? com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945).** São Paulo: Editora 34, 2012.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades.** São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra. 3 ed. 2016.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LAUB, Michel. **Diário da queda.** Companhia das Letras, 2011.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”.** Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant; trad. das teses: Jeanne Marie Gagnebin e Marcus Lutz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

OZ, Amós; OZ-SALZBERGER, Fania. **Os judeus e as palavras**. Trad. George Schleinger. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PARISOTE, Amanda dal’Zotto. Entre autoras, diários e memórias: a linguagem da barbárie em **O que os cegos estão sonhando? WebMosaica**: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Porto Alegre, v. 8, n 1, jan./jun, 2016. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/71156>.> Acesso em: 17 nov. 2019.

RICOEUR, Paul. O esquecimento. In: RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SALGUEIRO, Wilberth. O que é literatura de testemunho (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André du Rap). Matraga: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, [S.l.], v. 19, n. 31, dez. 2012. ISSN 2446-6905. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. **Tempo e argumento**: Florianópolis, v. 2, n.1, 2010, p. 3-20.

Contribuições de autoria

1 – Elaine da Silva Alves de Almeida

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8407-9462> • alves.elaine@live.com

Contribuição: Autora

2 – Fabíola Simão Padilha Trefzger

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-6361-7134> • fabiolapadilha27@gmail.com

Contribuição: Autora

Como citar este artigo

ALMEIDA, E. da S. A. de; TREFZGER, F. S. P. A memória e o esquecimento em O que os cegos estão sonhando? Com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945). **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 42, e73975, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5902/1679849X73975>.